

Voz do Sul

SEMAMARIO REGIONALISTA REPUBLICANO

N.º 1208

Ano XXIX

Silves, 13 de Maio de 1944

Director e Proprietário

HENRIQUE MARTINS

Editor - Joaquim Sequeira

Redacção, Administração e Oficina
Rua 5 de Outubro - SILVES

A Cruz Vermelha Portuguesa precisa de Auxílio!

Neste momento de incertezas e de preocupações em que os espíritos andam alvoroçados com as ideias dos homens deste século — todos, absolutamente todos — precisamos de um auxílio, de uma mão amiga que nos proteja no lance mais preciso da nossa existência. Todos temos os minutos, os segundos contados... Todos nós temos uma preocupação que dura há séculos, há milhares de decénios — desde que o Mundo é Mundo!

Todos nós — seja quem fôr — necessita de protecção no momento mais crítico da vida.

A palavra *Socorro* é a palavra mais aflitiva e impressionante que todos podem ouvir. Seja num incêndio, num desastre brutal, no mar alto, em terra, em tóda a parte, essa palavra deve de ser transformada em *Auxílio* — o alívio de tóda a gente — o momento mais grato e único que deve de ser compreendido por todos os amigos e inimigos!

Porém, temos uma amiga sincera — nós portugueses, vós estrangeiros — uma amiga que não conhecemos, uma amiga que nas horas felizes não necessitamos e que além disso, não nos conhece, mas... que de um momento para o outro aparece, junto do leito para nos servir de braços abertos!

— Quem é ela? Um nome!

A Cruz Vermelha Portuguesa — A Cruz que em tóda a parte está, ora no mar ora na terra, transportando e cuidando dos feridos, na hora mais ingrata. E' uma verdadeira amiga que vem de algures através de mil barreiras para servir a Humanidade!

Mas... essa amiga — A Cruz Vermelha Portuguesa também precisa do Auxílio para poder servir tóda a Comunidade.

— Quem a auxilia? Poucos são! Poucos se lembram dessa obra já tão vasta, tão grandiosa, e no entanto, ela vem ter connosco sempre, no minuto mais oportuno!

— Quem a ajuda? Quem vela pela Cruz Vermelha Portuguesa — essa Cruz que cruza os mares, os Oceanos em demanda dos naufragos de todas as nacionalidades?

Tudo seria e será remediável se..., se nós — os portugueses do Continente, das Ilhas, do Ultramar encararmos o bem que tem espalhado pelo Mundo!

A Cruz Vermelha precisa de Auxílio, como nós também precisamos, para poder socorrer num segundo aqueles que estão às portas da Morte!

Faça-se Justiça! Juntemo-nos todos e vamos ajudar a Cruz Vermelha — A Cruz do Bem!

Luís Bonifácio

FELIZES

dos que podem esperar

A situação aflitiva de tantas e tantas classes que vitimas de uma especulação afrontosa e criminosa se encontram à beira da insolvência — é de molde a merecer a carinhosa atenção de todos que a podem provêr de remédio pela interdependência entre uns e outros!

E' imperiosa, imediata, mais, urgente, a resolução dos que os amparam na vida, pela retribuição ao seu trabalho prestante, útil.

E' o patrão que tem esse indeclinável dever, quer se trate da entidade oficial ou particular, para que não se veja prejudicado o que recebe os serviços e os que os prestam.

As melhores e fortes condições físicas para o trabalho, dão a alegria, o vigôr e a bôa disposição para que se produza mais e melhor.

A má ou insuficiente paga, ou a que se tenha por mais moral e justa, será o que formará também a moral e o espírito de justiça do trabalhador; o que não é indiferente à valorização ou qualidade do trabalho.

Como em família

As horas do perigo são as horas das grandes provações, e das grandes provas também. E' então que se vê onde estão as verdadeiras amizades, as grandes dedicações. Na Grã-Bretanha está a formar-se um conceito mais realista e compensador do que seja uma Pátria do que nunca, talvez, na sua história.

Hoje todos ali são como filhos de uma grande família. Os interesses de todos estão identificados com o próprio interesse e razão de ser da Pátria. Os dirigentes da nação apontam as directrizes e estas são voluntariamente seguidas por todos, com um espírito, por assim dizer, religioso, pois que essas direc-

Há que acudir, sem demora, aos que foram os mais dignos e valiosos agentes da vida pública e particular, alguns que já mais poderão ser vantajosamente substituídos, quando sobreexcederam seu trabalho, valioso, sobre a maior dedicação, abnegação e isenção, raros exemplos de virtude e mérito e que se encontram à beira da ruina, êles que foram a perene fonte de benefícios morais e materiais para o todo estadual e social.

E não podem esperar — creiam-no todos. Esperar — é levar de vencida a maioria, senão todos.

Seria vil prémio — aos que, condição humana, de que ninguém se pode rir — são vidas hoje no ocaso; méritos e glórias que o foram as mais altas e prestigiantes funções e virtudes humanas.

Acudi-lhes, pois, sem demora — são homens e suas famílias que vivem a tortura da miséria que se avizinha ou que já se encontram nela.

Soeiro da Costa.

trizes se casam perfeitamente com o conceito dos deveres e dos direitos que lhes são afirmados e garantidos pelas suas livres instituições.

Fez-se vêr às donas de casa que era preciso gastarem menos electricidade e as donas de casa, sabedoras de que isso não representava interesses particulares, mas pura e simplesmente os interesses da nação, e portanto de todos, corresponderam generosamente àquilo que delas se esperava.

Durante o ano de 1942-43 gastaram pois 521.800.000 unidades de electricidade doméstica menos do que no ano de 1941-42, o que representou uma economia de 558 0/0.

O FUTURO

das nossas Colónias

Ninguém pode prever o futuro e até há um provérbio que diz que: O futuro a Deus pertence. Isso, porém, não obsta a que se lance uma vista de olhos para o passado.

Nos fins do século XV e principios do XVI, Portugal pouco mais tinha de um milhão de habitantes e, todavia pela sua grande alma e pela sua fé ardente, foi êle que, como escreveu Camões, deu novos mundos ao Mundo; a alma e a fé que levaram-nos a descobrir e conquistar terras em quantidade muito superior àquela que a nossa população poderia manter. Como resultado inevitável, fomos desapossados de muitas, mas ainda nos ficou uma área de 2.098.970 quilómetros quadrados, quasi 24 vezes superior à da Metrópole.

Hoje, no Continente, há perto de 8 milhões de habitantes e existe dinheiro em excesso. (10 milhões de contos improdutos depositados nos bancos e caixas económicas), actividade e capital que deveriam em grande parte dedicar-se a colonizar devidamente as nossas provincias ultramarinas, em especial Angola, onde existem inúmeras riquezas por explorar e que não poucos países cubiçam avidamente.

Pelo que se esboça nos meios economistas dos países aliados em luta, a guerra que há mais de quatro anos vem ensanguentando a humanidade, trará, como uma das suas consequências, a revisão das riquezas mundiais inexploradas e, decerto, Angola não escapará a essa pesquiza, se é que ela não é já melhor conhecida pelos economistas estrangeiros do que por nós próprios.

Angola é a melhor joia do Império Colonial Português, é a colónia mais portuguesa sob todos os aspectos e, nos seus 1.263.700 quilómetros quadrados não lhe falta o carvão, o petróleo, o ferro, o oiro, o cobre, êsses potentes motores na vida moderna e pelos quais a maior parte das guerras se declaram. Essas riquezas só aguardam quem as queira e saiba explorar e, se o não fizermos, só demonstraremos, triste e aviltantemente, que os sete milhões de portugueses de hoje valem muito menos que o milhão de 1480 a 1520.

De resto, não é digno de possuir joias aquele que as não sabe fazer brilhar.

E' uma necessidade urgente, premente, imperiosa, inadiável, actuar (não pensar) no sentido das nossas colónias e, insisto Angola principalmente serem colonizadas como o devem ser segundo a moderna técnica colonizadora, isto é, fazendo por obter delas tudo quanto possam fornecer para o bem estar geral, para satisfazer não só as nossas necessidades, mas as de todos.

Esta imposição é de tal gravidade que, da sua não efectivação pode resultar a

(Segue na 4.ª página)

ACIDENTES do TRABALHO e AC.ºs PESSOAIS

Mannheimer V. G.

COMPANHIA DE SEGUROS

LISBOA - Largo da Anunciada, 9, 1.º - Telefone 2 7777

Sub-agentes em todo o País

AGENTE PRINCIPAL NO ALGARVE:

HENRIQUE MARTINS

Telefone 5

SILVES

RESPONSABILIDADE CIVIL GERAL

INCENDIO

AGRÍCOLA

MARÍTIMO

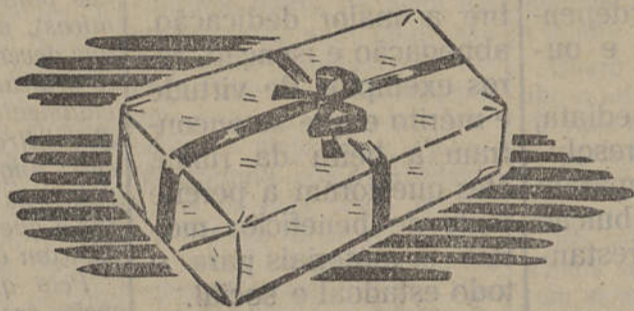
AUTOMÓVEIS

Jôgo para todas as lotarias da Santa Casa da Misericórdia

NA

Livraria e Papelaria H. MARTINS
RUA 5 DE OUTUBRO.— SILVES

Se quer ser feliz e forte
Jogue na **Casa da Sorte**



A QUALIDADE DO PRESENTE

REVELA A CATEGORIA E O BOM GOSTO DE QUEM O OFERECE!

OFERECENDO UM RELOÓGIO



PRONTO



V. EX.ª RESOLVE INTELIGENTEMENTE O SEU PROBLEMA...

PRONTO WATCH Co. LE NOIRMONT SUISSE

Vende:

Henrique Martins
— **SILVES** —

Mande executar

os seus trabalhos

tipográficos

NA

Tipografia Artística

do Algarve

Rua 5 de Outubro

Silves

BIDONS

Em chapa de ferro e galvanizada, nova, de 1,25 e 1,50 mm de espessura, próprios para AZEITE, OLEOS, GAZOLINA, ALCOOL, AGUARRAZ, PETROLEO, MASSAS GORDUROSAS, TINTAS, PRODUCTOS QUIMICOS, CARBONETO, CIMENTO, RESINA, E SUBSTANCIAS EM PÓ, podendo ser utilizados para exportação, com capacidade para 225, 112, 56, 28 e 20 litros.

E ainda DEPOSITOS PARA GRANDES QUANTIDADES de forma cilíndrica ou retangular, construídos em chapa nova, de 3 e 4 mm de espessura para capacidade de 1.800 a 5.100 litros.

Temos ainda arames de aço para molas, cabos de aço e óleos de lubrificação, etc.

Pedidos a

FRAGUAS & C.ª

Praia do Seixal, nº. 92 — Tel. 327

— SETUBAL —

Carlos Filipe Pinto Pimentel

Engenheiro Construtor Civil

João Freire

Construtor Civil

Encarregam-se de todos os trabalhos de construção civil.

Projectos, calculos de cimento armado, plantas topográficas, etc., tomando empreitadas e sendo neste caso projectos e calculos gratuitos.

Rua Dr. Manoel d'Almeida, nº. 60 — Portimão.

Rua Alfredo Keill — Lagôa.

Telefones | Portimão 117
| Lagôa N.º 6

Bons Livros

Encontram-se sempre à venda na

Livraria Artística do Algarve
SILVES

Confessionário Femenino

O meu caso é raro para não dizer único. Casada há 37 anos sempre o meu lar foi exemplar.

Tenho filhos e netos. Um dia, sem que nada o fizesse suspeitar, meu marido chega a casa e diz-me: tenho muita pena de te dar um desgosto. Apaixonei-me. Quero divorciar-me.

Fiquei indignada mas contive-me: divorciar, não, mas separar quando quizeres. Nessa mesma noite abalou e nunca mais o vi... Que me diz a isto?

Que há uma enormíssima falta de casas de saúde para receber os infelizes que carecem de tratamento urgente. Num menino compreende-se certos deslizes; mas para esses mesmos, há a meta para além da qual é censurável a transgressão.

Para quem passou a barreira dos cinquenta anos, há passos que não se harmonizam com a sociedade que os cabelos brancos impõem. Como é possível a certa altura da vida abandonar tudo quanto amámos, esquecendo, desprezando, para correremos a procurar encantos noutras paragens de que os anos nos distanciaram?

Tudo isso é falível e constitui uma aventura perigosa.

O amor não é eterno, sabe-se e de tanto o repetirmos e afirmarmos, quasi se tornou em adágio essa frase.

E' natural.

Mas o que acontece, ou pelo menos devia acontecer, é seguir-se-lhe uma profunda estima, um sentimento talvez mais simpático e duradouro que essas fugazes paixões que vastas vezes levam aos maiores desvarios.

Ninguém no seu caso assinaria o divórcio.

Creio que não se inventou esse estado civil senão como medida extrema e nunca para desorganizar a vida dos que, plácidamente, caminharam largos anos um ao lado do outro. Há tentativas que desoladoramente demonstram o contrário. Será então certo que o coração não envelhece?

E' possível, mas o bom senso é que tem de refrear os impetus arrebatados do coração sempre moço, que teima em ocultar a certidão de idade vestindo ousadamente, a galante capa de D. Juan.

Os filhos evitam, por vezes, essas catastróficas façanhas. São atestados falantes, documentos vivos,

dos anos que o coração pretende escamotear, subtilmente à contagem inexorável do tempo.

São eles a demonstrar que é na primavera que se fazem os ninhos.

Que é nos ramos frescos do arvoredado que cantam os rouxinóis. O inverno é triste e desalentador. Os troncos estão esburgados, não abrigam as avesitas implumes e as asas dos pais não bastam para acobertar dos temporais, os que vão entrar na lida.

Pensam que os anos não correram e esquecem-se de olhar para o espelho o acusador frio e implacável do passado que se viveu.

Sempre foi perigosíssima a descida da encosta, para o fim, para o descanso eterno, para o termo fatal que a natureza inflige a todo o ser vivente.

Uma nuvem densa, espécie de cataratas, impedem de ver a realidade com clareza. Depois a vaidade humana é sem limites.

Há entes realmente indesejáveis que se divertem a fazer crer às vítimas dessas ilusões perigosas, que os dias estacionaram e que a mocidade, por um milagre inconcebível, se eternizou nelas como em certas árvores de folha permanente que estão sempre na mesma, indiferentes aos frios e aos calores, aos desabrimentos dos vendavais, às fúrias inclementes das intempéries.

Mais tarde, Anas Boleas dessas que enchem o mundo, são as primeiras a rirem-se, estrondosamente, dos que fizeram resvalar para o pélagos de onde é difícil escaparem-se.

A arte, a verdadeira arte consiste em saber defender-se do que o mundo mostra de taful na aparência e profundamente enganador, se bem dissecado e inteligentemente observado, penetrarmos nele com cautelosa prudência.

Sara Beirão

Secção «à la minuta»

A' mui ilustre e apreciada escritora — Sara Beirão

As Letras iluminam como Estrélas!
e levam aza de ouro luminosa!
São favos de mel, pétalas de rosa,
e dando volta ao Mundo — vôam com elas!

Reinas, tu, nêsse Mar de caravelas,
vãs em luta proficua, corajosa!...
E's um Mundo de vida preciosa
a dar-lhes tôda a luz — bem a escrevê-las!...

Alumia-te o Verbo de Jesus!
Hino de amor — o Bem — que nos sorri,
ao livro mais aberto, à caridade!...

E' que após a dor — brota sempre a luz!...
e a luz és tu — a graça vem de ti! —
— Porque és tu, mesma, a própria claridade!...

Monchique-Março-1944

Manuel Braz Machado

Memoria

A Igreja de N. Senhora do Pé da Cruz de Faro

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO I

Os sinos têm sido, sempre, através do tempo, uns propagadores da verdadeira fraternidade!... E aquele, como todos os outros, afinal, deve ter seguido o mesmo trilho; deve ter-se feito ouvir por toda a parte, sim, por toda a — Cidade da Santa Maria, — e o seu som, a sua voz (desculpem a forma) suave e gloriosa para a historia da — Igreja do Pé da Cruz, — ouviu-se!...

Ele repicou, certamente, cheio de alegria, anunciando aos devotos cristãos de Nossa Senhora, que para eles chegara também a hora da liberdade cá neste mundo de engano; e que ali naquela igreja podiam, sem acanhamento, junto do altar bendito e cheio de amor, render graças a Virgem Mãe do Pé da Cruz que não os esquecera, permitindo que tivessem mais aquele — Novo Logar Santo, — em Faro, onde com enorme alegria os seus corações podessem gloriosos, palpitar cheios de reconhecimento sincero vitória obtida contra o jugo castelhano!

A — Mordomia — de Nossa Senhora do Pé da Cruz, de Faro, como lhe chamou o prestimoso Bispo D. Francisco Gomes de Avelar, contou sempre através do tempo com a pura devoção das Senhoras da Cidade, e assim como com o auxilio dos homens de respeitabilidade e maxima consideração!

Gloria a Ti, Templo Sagrado dos meus Antepassados,

logar bendito e santificado da Cidade de Faro onde nasci!...

CAPITULO II

A Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz no seu tempo antigo:

Esta igreja na sua primitividade não era como actualmente a vemos modernizada podendo dizer-se sem mentir que hoje em Faro e até mesmo no Algarve, ela é uma capela das suas mais lindas, porque na verdade é atraente para todos que a visitam, a sua frescura decorativa encanta o forasteiro!... Ali sentimo-nos rejuvenescer!... Ali há muita luz, imensa luz que fascina, que embriaga, que transforma, que cria alento em nosso coração, que provoca amor, que nos dá o bem estar, que nos faz esquecer os revezes da vida, que nos alivia a dor, que nos suaviza a tristeza e o martírio, que nos fala á alma!

A Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz de Faro é uma igreja quasi nova pela viveza dos seus dourados, pelo mimo manifesto das suas pinturas!... Ela está magnificamente conservada.

Esta igreja tinha antigamente que alugar casa para o sacristão porque a não possuía; não havia secretaria nem 1.º andar, nem sacristias amplas, nem gradeamento no — Senhor Jesus dos Aflitos!... O que existia era unicamente a Capela com a sua contigua casa de despacho e uma pequena sacristia que dava en-

“Inválidos do Comércio e a sua obra de solidariedade”

Como nasceu a instituição «Inválidos do Comércio»? O que é e quanto custou a sua Casa de Repouso? Como são tratados os antigos comerciantes e empregados comerciais, ali internados, êsses pobres velhinhos que foram arrancados a um calvário doloroso e brutal? Têm um lar farto e bonito? Vivem como num hotel? Usam tardamento como nos asilos ou vestem fato à moda? São tratados com aquela sensibilidade que deixa em cada palavra um vinculo de amor? Quais são as opiniões dalgumas individualidades ilustres que visitaram a Casa de Repouso? A grandeza daquela obra torna os homens a quem estão confiados os destinos de «Inválidos do Comércio» crédures de todos os elogios? Conseguiram uma realização gigantesca e dignificante?

Os leitores terão a resposta a todas estas perguntas, lendo o livro «Inválidos do Comércio e a sua obra de solidariedade» escrito pelo jornalista Fausto Gonçalves.

trada para a capela mór (como ainda hoje se observa) por meio de uma escada de uma escada de madeira para o pavimento alto, e por uma pequena porta aberta no grosso da parede para junto do altar.

Da igreja para o — Senhor Jesus dos Aflitos — não havia comunicação, no logar da porta actual existia uma janela de recha e por um buraco na parede corria a corda que puchava o lampeão de azeite. Havia também uma pequena casa de entrada que se ligava á sacristia, tudo o mais era um bom quintal com uma figueira e porta para a rua.

O — Senhor Jesus dos Aflitos — ainda que ligado á igreja, estava independente e foi sempre um lugar muito respeitado por toda a gente de Faro, principalmente do — Povo Marítimo! O lampeão que então se acendia ali de noite subia por cima dos telhados das casas pequenas que ficavam do lado Ferrageal, e assim aquela luz servia de guia aos pescadores da ria, e aquela luz era muito sua conhecida e servia de particular estrela do lado da terra, e assim ao voltar com o peixe do mar aos lares logo levavam ao — Senhor Jesus — azeite para a sua luz, e as almetolias de azeite nunca faltaram bem cheias todos os dias para aquele efeito!...

Hoje que as casas do sitio se modernizaram levantando platibandas vistosas nas suas frentes, a luz do — Senhor Jesus — já não pode servir-lhes de estrela brilhante e guia, mas mesmo assim os Marítimos não perderam de todo a fé, e a lamparina todas as noites arde no azeite de oliveira que as suas esmolas, que a sua caridosa devoção garante!

Honorato Santos

Continúa

Voz do Sul

José Júlio Martins

ADVOGADO

Escritório — Rua 5 d'Outubro, 16 — SILVES
Telefone 5

DA LITERATURA

«EXÍLIO»

Uma obra notável do ilustre algarvio dr. Pereira Faisca

Acaba de aparecer à venda nas livrarias, o livro "Exílio", da autoria do sr. dr. Pereira Faisca, um ilustre algarvio, e diplomata, onde se contém, contos, recordações de viagens, crónicas e impressões de arte. Uma obra notável esta do nosso distinto comprouviano, escrita com requintada sensibilidade e admirável gosto artístico, cuja leitura torna-se encantador aprazimento.

Quizemos arquivar nas nossas páginas — um dos contos "SIROCO", que por certo aos nossos leitores constituirá motivo do maior agrado.

Feitas as despedidas afectuosas dos amigos, na estação do Terreiro do Paço, abalei com rumo à Argélia, percorrendo, depois, a África do Norte em contacto com esse estranho mundo muçulmano, cheio de contrastes impressionantes e de proezas varonias.

Como outros navios onde viajei mais tarde, o vapor que me transportou de Gibráitar a Oran foi afundado, durante a guerra actual, que trouxe à humanidade a mais cruel e monstruosa carnificina.

O «Gibel-Zerjon» sulcou o Mediterrâneo, coalhado pelo luar opalescente de Janeiro. A enegrecer o espaço nocturno, avistado atrás do paquete, o escarpado rochedo escuro de Gibráitar, ladeado à superfície pela cidade debruçada sobre o mar no meio de luzes fosforescentes, lembrava um vulto ciclópico adormecido. Passei a noite à proa do vapor a contemplar os reflexos caprichosos dispersos pela lua sobre a epiderme azul das águas tranquilas que, fendidas pela quilha do navio, revolteavam em espumas alvinhentas. Silhuetas movediças de embarcações emergiam por entre a chuva láctea do luaceiro, desdobrado em branca cortina rendilhada. A distância, para lá do horizonte vaporoso, ocultava-se, para mim, o mistério...

Quando as mulheres revestem o *haique* branco, o véu apenas deixa ver os seus olhos fulgurantes... de azevi-che. Com o olhar furtivo e instantâneo, as muçulmanas esquivam-se dos transeuntes.

Os casamentos realizam-se ao tombar do crepúsculo. Atapetadas as ruelas de lírios e assucenas, o ar condensa-se de perfumes inebriantes. A noiva, vestida de trajos de esquisita confecção, brilhante de tons atraentes, irá estasiar o homem... que a espera, em silêncio, sem a conhecer. Formam as esmeraldas e rubis uma coroa a realçar o encanto feminino da nubente que, embora se torne logo «filha do harem», nunca viu ainda o noivo ou mesmo as suas futuras companheiras de sequestro. E, num trono adornado de pérolas, a noiva é levada em procissão, por entre cirios, até à casa do marido. Encerradas as portas, a música ténue dilue-se brandamente.

Pela noite silenciosa, nos harens, Fathma, a moira sequestrada, segreda a sua vida íntima. Senhor feudal, o homem dispõe da sua sorte que lhe confere até o direito de a matar por suspeita de infidelidade.

Os eunucos executam, inflexivelmente, as ordens recebidas dos chefes soberanos da família.

Revelam os moiros um respeito profundo pelas mulheres que geram e criam filhos.

Continúa

gente. «Em nome de Allah, todo poderoso...», — começam, assim, todos os contos infundáveis.

El *guáni*, o palhaço das multidões, dança e canta toadas guturais. Mostra um sorriso aprazível. As suas feições parecem talhadas a canivete. Embora triste, faz rir toda a assistência.

A's portas dos cafés, aconcorados, os moiros fumam *quif*, silenciosos e indiferentes.

Num tom dolente, filtram-se até às ruas as maguadas canções femininas.

Recolhidas nos harens, vivem moiras de beleza escultural, com a pele cõr de aljófar que a luz solar quasi nunca beijou.

Quando as mulheres revestem o *haique* branco, o véu apenas deixa ver os seus olhos fulgurantes... de azevi-che. Com o olhar furtivo e instantâneo, as muçulmanas esquivam-se dos transeuntes.

Os casamentos realizam-se ao tombar do crepúsculo. Atapetadas as ruelas de lírios e assucenas, o ar condensa-se de perfumes inebriantes. A noiva, vestida de trajos de esquisita confecção, brilhante de tons atraentes, irá estasiar o homem... que a espera, em silêncio, sem a conhecer. Formam as esmeraldas e rubis uma coroa a realçar o encanto feminino da nubente que, embora se torne logo «filha do harem», nunca viu ainda o noivo ou mesmo as suas futuras companheiras de sequestro. E, num trono adornado de pérolas, a noiva é levada em procissão, por entre cirios, até à casa do marido. Encerradas as portas, a música ténue dilue-se brandamente.

Pela noite silenciosa, nos harens, Fathma, a moira sequestrada, segreda a sua vida íntima. Senhor feudal, o homem dispõe da sua sorte que lhe confere até o direito de a matar por suspeita de infidelidade.

Os eunucos executam, inflexivelmente, as ordens recebidas dos chefes soberanos da família.

Revelam os moiros um respeito profundo pelas mulheres que geram e criam filhos.

Continúa

PELA CIDADE

Festa em Mata-Mouros

Conforme anunciáramos, realizou-se no dia 1.º de Maio, uma festa para fins de beneficência nos jardins da horta de Mata-Mouros, gentilmente cedidos pela família Dr. Vasco Quevedo.

A festa, num cenário enebriante de flôres e das quietas águas dos lagos, foi muito concorrida, decorrendo com grande animação.

O produto liquido da festa, que reverteu a favor dos doentes necessitados não hospitalizados, foi de 3.254\$95.

Semana das Colónias

Na Escola Comercial e Industrial «João de Deus», desta cidade, no dia 5 de Abril, a Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a Maria Madalena Faria Mesquita, leu uma palestra sobre «Navegação, descobrimentos e colonização dos portugueses», integrada no programa da Semana das Colónias, patrocinada pela Sociedade de Geografia.

A distinta senhora professora foi escutada durante a leitura do seu interessante trabalho, muito atentamente pela assistência composta de alunos, professores da Escola Comercial e Industrial «João de Deus», e alguns convidados, tendo no final sido muito aplaudida.

O Ex.^{mo} Sr. Director da Escola, o apreciado escultor João José Gomes, no início da sessão, pronunciou algumas palavras, sobre o significado da Semana das Colónias, realçando com invulgar brilho, as descobertas e a colonização dos portugueses, e fazendo notar da utilidade nos estabelecimentos de ensino, como o de Silves, de constantes palestras sobre as fulgurantes páginas da história de Portugal.

Fuga de presos

Ao cair do sol, já quando no Castelo de Silves, se faziam sombras, por entre os torreões altaneiros, que afrontam o tempo, no passado dia 8, deu-se uma cena bastante lamentável.

Sucedeu que, quando o carcereiro, homem honestissimo, zeloso e cumpridor dos seus deveres, distribuia o rancho aos presos num dos torreões, que serve ainda de cadeia, foi agredido e lançado a terra da muralha abaixo pelos presos Joaquim Vieira Xufre «O Macarrão», que cumpria quatro meses de prisão correcional, pelo crime de ofensas corporais, José Inácio Júnior «O Casadinho», que cumpria 2 meses de prisão correcional, pelo crime de furto, António da Encarnação Gabriel, José Correia ou José da Pereira, que aguar-

Comissão de auxílio aos doentes pobres de Silves

Esta simpática Comissão composta pelos srs. Adelino Gonçalves Pinto, Sebastião Heliodoro Garcia, Silvino Joia Boal e António Bento Jacinto Abraços, pedem a publicação dos resultados da sua receita e despesa e ao mesmo tempo para que tornemos público o seu muito reconhecimento a todos aqueles que auxiliaram a sua modesta, mas altruista iniciativa.

Receita arrecadada de Junho de 1943 a Abril de 1944

Resultados liquidados das festas organizadas no recinto da feira, 8.046\$90; receita liquida da sessão cinematográfica, 1.118\$00; Sarau realizado na Sociedade Vilarinho, 1.592\$20; outro Sarau na Sociedade Vilarinho, 5.695\$00; recepção de máscaras no Cinema, 780\$40; jogo de futebol Casados e Solteiros, 1.692\$30.

Do sr. Domingos Rodrigues Garcia, 35\$00; da firma Pintos, Calvino & C.^a L.da, 20\$00; do sr. António Bento Abraços, 11\$30; da Ex.^{ma} esposa do sr. Paulo dos Santos Silva, 20\$00; da Direcção do Silves Foot-Ball Club, 5.650\$00; do produto da venda de caça oferecida por um grupo de caçadores de Silves, 785\$00; do sr. dr. Teodoro de Sousa, 100\$00; da firma Pintos, Calvino & C.^a L.da, 100\$; uma comissão de rapazes, por intermédio do sr. Joaquim Gonçalves, 75\$00; do sr. Dionisio Gon-

çalves Oliva, 20\$00; do sr. José Vitoriano, 800\$00; do sr. Joaquim Martins Baião, 10\$00.

Dos srs. Alberto Costa e Irmão, 50\$00; do sr. Worsdell, 10\$00; do sr. Dionisio Oliva, 50\$00; do sr. António Neto, 10\$00; da Sr.^a D. Maria Luiza, 20\$00; do sr. Manuel Guerreiro, 175\$00; do sr. José Limpo de Lacerda, 20\$00; do sr. dr. Gomes, 25\$00; do sr. João José Duarte, 34\$50.

Rifa dum toalha, 50\$00; produto dum rifa feita na Pernambuco, 232\$00; rifa dum toalha e casaco para criança, 376\$50; produto dum rifa feita num baile, 15\$00; produto dum rifa feita na Pernambuco, 100\$00; produto dum rifa feita no Silves, 294\$00.

Total da receita 28.013\$10.

Despesa feita desde Junho de 1943 a Abril de 1944

Alimentos distribuidos pelos doentes, 11.616\$90; receituário pago, 6.578\$90; pagamento das radiografias tiradas, 2.010\$00; remessa em numerário a doentes, 670\$00; deslocações a Lagos, de vários doentes afim de tirar radiografias, 1.970\$00; deslocações a Lisboa de doentes, 600\$00; pagamentos de fretes com as distribuições e outras despesas, 656\$80.

Total 24.102\$60.

Saldo existente em 30 de Abril de 1944 3.910\$50.

davam julgamento, e por António da Conceição Fernandes, condenado em 2 anos de prisão pelo crime de emigração clandestina.

Os presos, em seguida puseram-se em fuga, não tendo ainda sido capturados.

O carcereiro José Romão, deu entrada no Hospital de Silves, em estado relativamente grave.

Julião Quintinha

Esteve entre nós, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso distinto amigo sr. Julião Quintinha, ilustre publicista, nosso conterraneo.

Visitas

Estiveram em Silves, os nossos presados amigos e assinantes srs. Sebastião Ramalho, de Alcantarilha, José Santinho Vargas, de S. Marcos da Serra, José Remechido Mendes, de S. Bartolomeu de Messines.

Ginema

Amanhã, no cine, exhibe-se, em réprise o enternecedor filme português, de Manuel de Oliveira, ANIKI-BÓBÓ, com o grande actor Nascimento Fernandes.

Quinta-feira, exhibir-se-há, o notável filme de acção dramática e violenta A FÚRIA DO OURO NEGRO, grande realização de Rouben Mamoulien, com os consagrados artistas Dorothy Lamour, Irene Dune, Randolph Scott e Akim Tamiroff.

O FUTURO das nossas Colónias

(Continuado da 1.^a página)

perda das colónias. E' preciso dizer as coisas com a precisa clareza. Portugal, sem o seu Império Colonial, é uma nêsga de 1.200 quilómetros de comprimento e 200 de largura que pode ser voada por bombardeiros de Norte a Sul, em 2 horas, e de Leste a Oeste, em 20 minutos.

Isto não é pessimismo nem derrotismo. E' patriotismo. Considero um dever patriótico denunciar um perigo que não é pequeno, e que mais de uma vez já nos ameaçou.

a) Jayme Rebelo Hespanha

(Major)

Pupilos do Exército

Comemorando o 29.º aniversário da fundação do benemérito Instituto que os fez homens, os antigos pupilos vão reunir-se no dia 4 de Junho num almoço que terá lugar na 1.^a Secção daquele estabelecimento.

Apesar de haver já muitas inscrições, a Direcção da Associação pede a todos os seus condiscipulos que enviem a sua adesão para a Rua da Misericórdia n.º 20-3.º—Lisboa.